

EDUCAÇÃO: E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Autora: Rayssa Martins Alves, graduanda do IX Bloco em Pedagogia da UESPI/Floriano.

Orientador: Prof. Msc. Robison Raimundo Silva Pereira.

RESUMO

A abordagem do trabalho busca o entendimento da sociedade brasileira perante a sua formação étnico-cultural fundamentando-se na abordagem de Nilma Lino Gomes, Anete Abramowick e Roque de Barros Laraia. Faz-se uma análise acerca da organização da sociedade brasileira, dos grupos humanos formadores da nossa nação e do advento do racismo e a diversidade cultural. A pesquisa caracteriza-se como uma investigação de campo que se fundamenta no viés bibliográfico e encontra – se em andamento. É possível observar o preconceito a tudo que foge dos “padrões”, e no Brasil percebe-se de forma bem definida em relação ao negro, pois nota-se até entre as crianças desde a mais tenra idade esse comportamento segregatório ante os afrodescendentes. Depreende-se que a escassez de conhecimento sobre a história do povo negro corrobora para a percepção do racismo.

Palavras-Chaves: Educação. Cultura. Negro. Identidade.

1. INTRODUÇÃO

Desde a colonização do Brasil já nos é mostrado a diversidade cultural do país, onde no processo de descobrimento a imposição do modo de agir e pensar dos colonizadores divergiam em muitos pontos dos costumes indígenas nativos causando assim conflitos, pois o “eurocentrismo” arraigou na cabeça do homem branco que ele seria um ser mais evoluído.

Descortinado o racismo no Brasil e seu processo de escravização que deixou marcas severas na história dos africanos e afrodescendentes que por meio dos maus tratos e das violências sofridas no trajeto África/Brasil e em sua permanência aqui, colocaram o negro em condições hierarquicamente inferiorizadas socialmente falando. Corroborando para o processo de “branqueamento” que o país viveu, onde quanto mais próximo do estereótipo europeu mais aceito e inserido pela sociedade o cidadão era, esquecendo-se cada vez mais da importância de reconhecer cada indivíduo na sua essência cultural. Sendo assim o Brasil miscigenado por vários grupos humanos formadores de uma mesma nação rica em diversidade cultural, a desigualdade das relações étnico-raciais é um tema atual na nossa sociedade, pois o preconceito existe e influência com toda força nas relações sociais dos indivíduos.

Precisamos nos conscientizar que não existe superioridade entre os povos e sim diferenças culturais que devemos respeitar seja ela racial, social ou de gênero, daí a importância de conhecer em que sociedade vivemos para entendermos assim a posição de cada indivíduo e procurarmos soluções para problemas arraigados na sociedade como o preconceito, no entanto acabamos por discriminar e só conseguiremos mudar essa postura através do conhecimento como afirma Adilton de Paula (2005,p 92):

Para falar a verdade, hoje a grande maioria das pessoas ainda não se guia pela ciência e pelo conhecimento. O baixo grau de estudos e informações faz que a maioria da população do planeta ainda entenda e explique o mundo e a realidade a partir de suas crendices, fetiches e ignorâncias.

O tema proposto nesse artigo busca esclarecer a história de lutas do povo negro e indígena, desmistificar o preconceito na nossa sociedade por meio do reconhecimento do negro como edificador e parte integrante da gênese do Brasil. Com esse propósito objetivamos saber como cursa a implementação da lei 10.639/2003 elaborada pelo

movimento negro que institui história e cultura Africana, Afro-brasileira nos currículos escolares das séries iniciais das escolas públicas e particulares. A problemática desse trabalho fundamenta-se em fazer uma análise a cerca da implementação da referida lei na escola pública por meio de pesquisa de campo baseado no viés “compreensivista” e na abordagem qualitativa está pesquisa encontra-se em andamento. Para esse estudo instrumentalizamos as teorias de autores de GOMES (2010), CANDAU (2008), ABRAMOWICZ (2008), LARAIA (2004), dentre outros.

2. A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

2.1 A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL EM UM PAÍS MULTICULTURAL.

Devemos partir da premissa que nos mostra o significado do conceito de diversidade, refere-se a variedades, diferenças, que estão presentes em nossa sociedade de forma bem delineada na variabilidade de raça, opção sexual, culto religioso, cultura e padrões socioeconômicos que existem em um país pluricultural e pluriétnico, como é o Brasil. De acordo com Abramowick (2006 apud Saraiva (2012) a diversidade pode significar variedade, diferença, multiplicidade. A diferença é que torna especial o que é diferente; o que diferencia uma coisa da outra, a falta de igualdade ou semelhança. Isto é, podemos afirmar que onde a diversidade existe diferenças.

A diversidade cultural refere-se a uma quantidade variada de grupos humanos e estes que advém de múltiplas culturas que precisam ser conhecidas e estudadas. Como assegura Vera Maria Candau (2008, p.26).

Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado “natural”. Desvelar esta realidade e favorecer uma visão, dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva destes processos.

A conscientização da reconstrução histórica de nossas identidades culturais é de relevante importância nesse processo de desvelar a homogeneização que se criou em relação as diferenças que constituem a nossa nação. Pois através da admissão das especificidades de cada pessoa, cidades e grupo humano é possível valorizar e respeitar, por meio de dinamismo nas práticas educativas. Como assinala Candau (2008, p.26):

Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinadas pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los constitui um exercício fundamental.

2.2 A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

O Brasil é um país socialmente falando diverso somos vários povos em uma só nação, índios, brancos, negros, estrangeiros vindos de várias partes do mundo convivendo nesse emaranhado de culturas, resultando assim em uma grande miscigenação. De acordo com Gomes (2008, p.70):

Em uma sociedade multirracial e pluricultural, como é o caso do Brasil, não podemos mais continuar pensando a cidadania e a democracia sem considerar a diversidade e o tratamento desigual historicamente imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais.

Então a discussão sobre diversidade não deve reduzir-se apenas a um conceito de igualdade, pois esse comportamento deu origem a uma forma de preconceito negado tornado-se assim mais difícil o reconhecimento dessa pluralidade. Pois uma das formas de segregação de indivíduos, que perduraram ao longo da história de composição da nação foi as referentes às questões raciais ligadas principalmente a cor da pele. Nesse sentido Candau (2005, p.19) afirma que: Não se deve contrapor igualdade a diferença. “De fato, a igualdade não está oposta a diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõem a igualdade, e sim a padronização, a produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, a mesmice”.

Isto é, através do conhecimento das desigualdades raciais e dos problemas enfrentados as discussões destas tornará menos complexa, pois a construção da identidade racial desvelará este estereótipo do negro ligado sempre a um ser marginalizado. Como frisa Bento (2011,p.99), “A complexidade do ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada a pobreza, inferioridade, incompetência, feiura, atraso cultural tornam a construção da identidade racial dos negros e negras um grande desafio.”

Quer-se dizer, a edificação desses estereótipos com relação aos Afrodescendentes deu origem ao racismo. Mas o que é racismo? É a defesa da superioridade de certos

grupos étnicos ou Culturas, que de forma oculta torna-se um pensamento social nesse sentido foram criadas as raças e de acordo com as características de cada indivíduo denomina-se a qual raça pertence. Hoje é comprovado cientificamente que elas não existem somos todos pertencentes de uma mesma espécie a humana quando se fala em diferenças de povos podemos nos referir no máximo a grupos humanos diferenciados.

O preconceito racial é produto do racismo, sócio e historicamente construídos, ou seja, não conheço e dou o julgamento que acho ser coerente. E no Brasil vai de acordo com as aparências quanto mais característica da matriz africana trazer consigo maior será a discriminação que é diferente do preconceito norte-americano que não importa se o número de características brancas for maior do que as negras se houver sangue negro já é fator exclusão.

“Nosso preconceito racial atém-se mais ás aparências, ás marca fenóticas quanto mais traços físicos negros, mais problemas, diferente do preconceito de origem, norte-americano, em que uma gota de sangue negro é fator de exclusão, independente de a pessoa ter mais traços brancos do que negro.”
Joel Araujo Zito, cineasta. (revista USP, n°69, p.75, mar/maio 2006)

E para que não reafirmemos esse comportamento racista que exclui os negros e os demais grupos formadores de nossa nação que encontram-se a margem, necessita-se cada vez mais da nossa conscientização e esta ocorrerá através do conhecimento da história de nossos antepassados que é essencial no reconhecer-se como parte integrante de determinado grupo social e no compor de nossa identidade racial

A estruturação da identidade racial é um processo de importância impar, pois significa aquilo que somos e “deste modo está vai sendo constituída ao longo da vida, em meio às interações e identificações com diferentes pessoas grupos que convivemos socialmente e vamos criando elos com essa multiplicidade de indivíduos” (MOREIRA,2008). Reconhecer-se como negro, pois a informação e consolidação das raízes de sua identidade cultural definirão o posicionamento de suas concepções sobre as questões que norteiam esse reconhecimento. No que se refere á construção da identidade racial Bento (2011,p.99) salienta:

As experiências de vida dos negros com o patrimônio cultural de seu grupo e com o do “outro”, do grupo branco, o grau de miscigenação e a presença de traços negróides em seu fenótipo, as experiências de discriminação racial que vivenciou, a consciência de seus direitos

enquanto povo fundante do Brasil, estão entre os elementos centrais que definirão a maneira como vai reconhecer ou não.

Desta forma fica evidente que o conhecimento dos sujeitos sobre a história cultural e étnica de seus antepassados é de essencial relevância, uma vez que inibem a existência do preconceito mesmo por que o processo de edificação de nossa identidade racial faz com que a questionemos e junto dela os fatores sociais que rodeiam, já que está não é estática vive em constante mudança. De tal modo (SILVA, 2000) citado por (MORREIRA, 2008) diz: “Nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É uma construção, um efeito, um processo de produção, um ato performativo”.

2.3 CULTURA E DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Cultura tem um conceito muito amplo que está ligada a vida em sociedade a relação dos sujeitos no decorrer dessa vivência e ao conjunto de símbolos que emanam desta, definindo o modo de agir dos seres de acordo com a sociedade em que reside. E assim assimila WHITE (1955 apud LARAIA (2004,p.55)

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. ...O comportamento humano é o comportamento simbólico.

O comportamento cultural fez do homem um ser social e muitos autores dedicaram seus estudos a entender sobre o nascimento da cultura e sua importância na vida. “LÉVI-STRAUSS (1976 apud LARAIA (2004) frisa que “a cultura surgiu no momento em que se instituiu a primeira regra segundo ele está seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas.”

Ou seja, e a partir do aprimoramento das regras e normas delineou-se a identidade de cada comunidade, tornando alguns símbolos presentes e aceitos no modo de vida de uma sociedade e ilícitos em outra. E, com efeito, LARAIA diz: (2004, p.55)

“Como, por exemplo, a cor preta significa luto entre nós e entre os chineses é o branco que exprime esse sentimento.”

Por conseguinte é primordial ao analisar uma cultura e entender sua essência e símbolos para depois deste discorreremos sobre um posicionamento crítico, pois os seres humanos que habitam determinada comunidade vive de acordo com os preceitos desta e conseqüentemente molda-se ao seus ritos, valores, comportamentos. E neste sentido corrobora LARAIA (2004, p. 57) “é de importância fundamental para o nosso ponto de vista sobre a natureza do homem que se torna, assim, não apenas o produtor da cultura, mas também, num sentido especificamente biológico, o produto da cultura”.

Contudo cultura está estritamente ligado com a discussão de manifestação da diversidade dos grupos humanos e por meio desta o conhecimento e afirmação de cada sujeito tal como é torna-se possível, do contrário a consciência cultural hoje no Brasil tende a homogeneizar os indivíduos em um modelo estereotipado.

“O que tenho constatado é a pouca consciência que em geral temos destes processos e do cruzamento de culturas presente neles. Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nos mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado “natural”. Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental. ”. (CANDAUI, 2008, p 26).

A discussão sobre diversidade cultural deve ser feita no espaço escolar, pois este é um espaço de conflito já que é o local onde toda esta pluralidade cultural se encontra, e a melhor forma para desmistificar esses preconceitos é questionando, estudando, pesquisando e conhecendo os grupos humanos formadores de nossa nação. Porque antes de tudo esse é um processo de conhecimento onde devemos propor aos nossos alunos investigar, rever, reconstruir e entender sobre uma cultura que é de todos. E nesse sentido que aparece nas diretrizes curriculares nacionais.

“Questionem relações ético-raciais baseadas em preconceitos que desqualifiquem os negros e salientem estereótipos depreciativos, palavras, atitudes que velada ou explicitamente violentas, expressão sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual” (Diretrizes, 2005, p. 12)

A abordagem sobre as diferenças tem que ser um assunto exercitado no cotidiano escolar, pois a desconstrução do comportamento racista deve acontecer através da discussão e do conhecimento, ao invés de silenciamento por que optando por essa prática compactuamos com a disseminação deste problema social. Podendo também desse modo construir uma formação educacional cada vez mais social que situe o educando como sujeito de sua realidade. Como aponta (GOMES E SILVA, 2005)

“Inserir essa complexa problemática na abordagem do cotidiano escolar exige que seja repensada uma nova concepção de formação educacional. Em que o profissional de educação seja visto como sujeito sociocultural do processo educacional, ou seja, aquele que atribui sentido a sua existência através de suas referências e do espaço que está inserido além da instituição escolar”.

Pois o campo educacional é abrangente, educar exige a participação dos pais da escola da comunidade que acerca e além de tudo dos acontecimentos globais, sociais, políticos e culturais. De acordo com Gomes e Silva (2005,p.18)

A educação escolar, entendida com parte constituinte do processo de humanização, socialização e formação, tem pois, de estar associada aos processos culturais, á construção das identidades de gênero, de raça, de idade, de escolha sexual, entre outros.

E nesse processo de inserção de novas práticas educativos todos os sujeitos que compõe a comunidade escolar necessitam estar cientes sobre o contexto da diversidade e reconhecer-se como transformadores da sociedade que conseguem identificar a diferença não como um problema mais como parte da humanização dos indivíduos. E assim Gomes e Silva (2005,p.18) asseguram:

A sociedade brasileira é pluriétnica e pluricultural. Alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino são, antes de mais nada sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com histórias de vida, representações, experiências, identidades, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educacionais por onde transitam com suas particularidades e semelhanças, compondo o contexto da diversidade.

A diversidade étnico-cultural é um assunto que deve fazer parte dos currículos escolares, pois notam-se atitudes segregatórias das crianças, é necessário que ensinemos e aprendamos a conviver com as diferenças respeitando-as, pois todos temos

direitos iguais perante a sociedade, somos um país de muitas etnias, cores e cultos e essas diversidades estão presentes em nosso dia-a-dia.

Por isso devemos prestar mais atenção de que forma o ambiente em que a criança vive a influencia nas suas opiniões, pois é fato que crianças entre quatro e seis anos se espelham nos comportamentos dos adultos com quem convive. Isto é, “a criança absorve papéis e atitudes dos outros, isto é, interioriza-os, tornando-os seus. Por meio desta identificação, ela torna-se capaz de identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível.” (BERGER,1994)

A criança é um ser pré-moldado que é aperfeiçoado a partir da convivência no universo em que esta inserida e este é formado por vários segmentos e a escola é um destes que muitas vezes torna-se omissa diante de atitudes racistas, no entanto nos como professores parte integrante do processo de aprendizagem das crianças devemos a cada dia repensarmos nossa prática para não reafirmar atitudes discriminatórias como pontua (Abramowicz, Oliveira e Rodrigues,2010:p.85)

Podemos concluir que as crianças, aos 4 anos de idade, já passaram por processos de subjetivação que as levaram a concepções já tão arraigados no nosso imaginário social sobre o branco e o negro e conseqüentemente sobre as positivities e negatividades atribuídas a um e outro grupo racial.

Portanto é muito importante que a escola esteja bem instruída para essas questões da discussão e instrução sobre a diversidade seja de gênero, étnico-racial, religiosa ou de sexo, desmistificando estereótipos, pois este é o primeiro contato social da criança com a pluralidade cultural que existe ao seu redor.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade étnico-racial que o Brasil possui é a sua identidade, por isso é de pertinente valor que aprendamos a conviver com a diversidade, conhecendo e discutindo e acima tudo respeitando, pois o reconhecer-se como pertencente a um grupo sem preconceitos e de essencial importância para que mostremos uma sociedade livre e consciente. Tendo como primeiro passo desconsidera a diversidade com sinônimo de igualdade assumindo que todos nos temos particularidade e que a ideia de

homogeneização da sociedade e no mínimo enganadora, pois o ser humano nunca vai ser enquadrado em um padrão.

Contudo cada grupo social tem sua cultura e com esta seus costumes, regras e comportamentos dotados de particularidades e assim sendo a cultura é sim responsável pela formação da personalidade do indivíduo constituindo seres diversos que também são preceptores de culturas ímpares.

A escola é o principal instrumento nesse processo, pois é responsável pelo primeiro contato social do ser humano então tem que está preparada para receber, integrar e trabalhar as diversidades tornando a formação social da criança multicultural e pluriétnica, pois, esta é responsável por um desenvolvimento livre para que se construa um cidadão consciente da realidade em que vive e essa constituição é de essencial importância e tem que ser executada com maestria pela escola, pois este é um espaço de conflitos que devem ser discutidos, construídos e refeitos com instruções que desmistifiquem estereótipos e a lei 10639/03 é um recurso muito rico nesse processo, pois informa o aluno e o professor e a comunidade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. A criança negra, uma criança e negra. In ABRAMOWICZ, Anete (Org.); GOMES, Nilma Lino (Org.). **Educação e raça: Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ABRAMOWICZ, Anete (Org.); GOMES Nilma Lino (Org.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ALMEIDA, Ana Maria Bezerra (Org). **Cultura Educação e diversidade**. Fortaleza: RDS, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades- CEERT, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** 17º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2004.

MOREIRA, Antonio Flávio (Org.); CANDAU, Maria (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PAULA, Adailton de. Educar o Brasil com Raça: Das Raças ao Racismo que ninguém vê. In SANTOS, Genilda II (Org.); SILVA, Maria Palmira da. (Org.) **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI**.1ªed.São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SARAIVA, Olympia Maria Silva. **Uma análise sobre a postura do Educador diante da diversidade dos alunos**. Florianópolis-PI: Monografia - UESPI, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva II; CORSO, Camila. **Igualdade Das Relações Étnico-Raciais Na Escola: Possibilidades e desafios para a implantação da nº10. 639/2003**. São Paulo: Peirópolis, 2007.